

PSICANÁLISE E LITERATURA: RESSONÂNCIAS DO CONCEITO FREUDIANO DE PULSÃO EM FRAGMENTOS DO ROMANCE PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM - DE CLARICE LISPECTOR

PIACENTINI, Maristela de Fatima¹
RADAELLI, Patrícia Barth²
GRADISKI, Eliane Aparecida Favarim³

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica e de análise comparada, a partir da teoria de Sigmund Freud, sobre as Pulsões - que reverberou no século XX, como um importante pressuposto da psicanálise, numa abordagem específica para o estudo da psicologia humana. O conceito publicado em *As pulsões e seus destinos* (1914) foi complementado com um novo dualismo: a pulsão de vida e a pulsão de morte, evidenciado na obra *Além do princípio do prazer* (1920). Essas proposições freudianas foram aplicadas numa análise de um capítulo da produção de Clarice Lispector - *Perto do Coração Selvagem* (1943), com o método comparativo de procedimento, para que pudessem ser verificadas as similitudes e relações dialógicas da teoria do psicanalista na representação literária. As ressonâncias entre a teoria freudiana sobre pulsões e a composição ficcional de Lispector configuraram-se como elementos norteadores da problematização desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Literatura; Pulsão; Freud; Clarice Lispector

PSYCHOANALYSIS AND LITERATURE: RESONANCES OF THE FREUDIAN CONCEPT OF DRIVE IN FRAGMENTS OF THE NOVEL NEAR THE WILD HEART - BY CLARICE LISPECTOR

ABSTRACT

This work presents the results of a bibliographical research and comparative analysis, based on Sigmund Freud's theory on Drives - which reverberated in the 20th century, as an important assumption of psychoanalysis, in a specific approach to the study of human psychology. The concept published in *The Drives and Their Destiny* (1914) was complemented with a new dualism: the life drive and the death drive, evidenced in the work *Beyond the Pleasure Principle* (1920). These Freudian propositions were applied in an analysis of a chapter from the production of Clarice Lispector - *Perto do Coração Selvagem* (1943), with the comparative method of procedure, so that the similarities and dialogical relationships of the psychoanalyst's theory in literary representation could be verified. The resonances between the Freudian theory on drives and Lispector's fictional composition were configured as guiding elements in the problematization of this research.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Literature; Pulse; Freud; Clarice Lispector

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, Formada em Letras Português/Inglês pela UNIOESTE, Pós-Graduada em Ensino da Língua Portuguesa pela UNICENTRO. E-mail: fpiacentini@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAG, Formada em Letras - UNIOESTE, Pedagoga pelo Centro Universitário FAG, Especialista em Literatura e Ensino pela UNIOESTE, Mestre em Linguagem e Sociedade e Doutora em Letras – Literatura Comparada - UNIOESTE. Docente do Centro Universitário FAG. E-mail: patriciab@fag.edu.br

³ Professora Orientadora, Psicóloga pelo Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG, Pós-graduação em Psicanálise e Clínica Contemporânea (IPOG), Mestre em Desenvolvimento Regional, pela UNIOESTE. Docente do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: elianegradiski@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de uma investigação sobre a teoria das Pulsões - discutida na disciplina de Fundamentos da Psicanálise, bem como a análise desta teoria em textos literários. A investigação deu-se com enfoque metodológico de pesquisa bibliográfica, a partir das contribuições conceituais de Sigmund Freud – com recortes das edições de obras publicadas em 2011, 2013 e 2014. As reflexões presentes nessas obras versam sobre quais processos presidem a eleição por um sujeito de seus objetos de desejo; sobre como o amor pode se transformar em ódio; ainda, como um desejo por um objeto pode ser obrigado a deslocar-se em direção a outro objeto; a moção pulsional (agressiva ou erótica) dirigida a um terceiro, que pode se voltar contra o próprio sujeito.

De natureza qualitativa, inicialmente, fez-se a pesquisa exploratória para o levantamento de textos que evidenciassem condições para a compreensão da proposta teórica. Com abordagem dialética, os textos publicados pelo psicanalista, em diferentes contextos de produção, foram analisados para seleção e interpretação de fragmentos. Além de outros, evidenciou-se o ensaio – *As pulsões e seus destinos* – escrito por Freud em 1914 e a obra *Além do princípio do prazer*, escrita em 1920.

Na sequência, usufruindo-se da estrutura da pesquisa documental, foi selecionada a obra *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice Lispector; especificamente o capítulo *O Banho* - para que, com o método comparativo de procedimento, pudessem ser verificadas as similitudes e relações dialógicas da teoria freudiana na representação literária de Lispector.

Essas ressonâncias entre a teoria freudiana sobre pulsões e a composição ficcional de Lispector configuraram-se como elementos norteadores da problematização desta pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde a Grécia Antiga, reflexões sobre o homem e seus desejos, suas vontades – permearam as grandes questões sobre o comportamento humano. Platão (428-427 a.C.) discutiu acerca das diferentes partes da alma humana enfatizando a importância do autocontrole sobre os desejos. Aristóteles, mais de cem anos depois de Platão, considerava as virtudes e os hábitos como fundamentais para a formação do caráter humano e explorava a ideia de autodomínio em relação aos desejos e impulsos. Nos primeiros séculos do Cristianismo, Santo Agostinho, teólogo e filósofo cristão, investigou a natureza do livre-arbítrio e a relação entre vontade e pecado. Para ele, a

vontade humana estaria sujeita às paixões e desejos desordenados, e somente através da graça divina seria possível alcançar a verdadeira liberdade. (ARANHA; MARTINS, 1943).

No final do século XVIII e também no século XIX, dois filósofos alemães - Schopenhauer e Nietzsche exploraram conceitos sobre as vontades, os desejos e a potência. O primeiro desenvolveu a noção de uma vontade cega e insaciável como a essência da realidade. Para o filósofo, a vontade seria a força motriz que subjazeria a todos os fenômenos e que se manifestaria na forma de desejos e impulsos. Já Nietzsche promoveu a ideia da vontade de potência como a força fundamental por trás de todas as coisas. A vontade de potência seria a busca de poder, expansão e a afirmação da vida (ARANHA; MARTINS, 1943).

Esses filósofos exploraram a constituição do comportamento humano, com abordagens que, embora dialoguem entre si e com posteriores estudos, variaram em termos de ênfase, conceitos, pressupostos teóricos e contextos.

É com Sigmund Freud, porém, que no início do século XX, o termo pulsão reverberou como um pressuposto da psicanálise, numa abordagem específica para o estudo da psicologia humana. Desde o início de seus estudos, e por vários períodos, o psicanalista já vinha mencionando o que mais tarde denominaria como pulsão. Segundo James Strachey, editor britânico de Freud, as pulsões no princípio apareciam sob outros nomes como: “excitações”, “ideias afetivas”, “impulsos anelantes”, “estímulos endógenos”.

Freud explorou, inicialmente, o conceito no ensaio publicado em *As pulsões e seus destinos* (1914). Em uma das versões da obra, os professores, pesquisadores da psicanálise, Iannini e Tavares (2013), evidenciaram quais questões estariam problematizando no conceito freudiano – aquelas que resgatariam inclusive concepções sobre a essência da humanidade desde os filósofos gregos.

Que processos presidem a eleição por um sujeito de seus objetos de desejo? Como, por exemplo, o amor pode se transformar em ódio? Como um desejo por um determinado objeto pode ser obrigado a deslocar-se em direção a outro objeto? Como uma moção pulsional (agressiva ou erótica) dirigida a um terceiro pode voltar-se contra a própria pessoa? Que mecanismos presidem nossas escolhas sexuais? (IANNINI; TAVARES, 2013, p 3.)

Para esses pesquisadores, Freud apresentaria o conceito de pulsão, que está na base dos processos que determinam os modos como nós amamos, desejamos, sofremos. “Em *As pulsões e seus destinos*, assistimos a um esforço obstinado de sistematização deste que, não por acaso, recebeu o estatuto de “conceito fundamental” (IANNINI; TAVARES, 2013, p.4).

A pulsão teria sido tratada por Freud como “conceito fronteiro”, situado entre o corpo e o aparelho psíquico. O psicanalista expressa um quadro sinóptico dos destinos das pulsões. Para ele,

uma pulsão poderia, ainda que parcialmente, satisfazer-se num objeto, provocando prazer; ser revertida em seu oposto; retornar ao próprio Eu; ser recalcada e, ainda, sublimada.

Em primeiro lugar: o estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo [...] A pulsão jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. Uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria “necessidade”, e para o que suspende essa necessidade, “satisfação”. Ela pode ser alcançada somente através de uma modificação adequada da fonte interna de estímulos (FREUD, 2013, p. 30).

A essência da pulsão, conforme destaca Freud (2013), estaria no interior do organismo e sua ocorrência como força constante, com sua inexpugnabilidade pelas ações de fuga. O autor destacaria que existe na mente uma forte *tendência* no sentido do princípio do prazer (FREUD, 1920/1996, p.19), ou seja, uma tendência a procurar o prazer e se afastar a dor. O conceito de pulsão estaria, ainda, correlacionado à sua configuração em outros quatro aspectos; a saber: pressão, meta, objeto e fonte da pulsão.

Por pressão de uma pulsão, entende-se seu fator motor, a soma de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. Toda pulsão é uma parcela de atividade. Já a meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional. Ainda que essa meta final permaneça inalterada para todas as pulsões, diferentes caminhos conduzem a essa mesma meta, de modo que podem existir para uma mesma pulsão diversas metas aproximadas ou intermediárias, as quais podem ser combinadas ou substituídas umas por outras. Há também pulsões “inibidas em sua meta” em processos que são tolerados durante uma parcela de seu caminho rumo à satisfação pulsional, mas que depois experimentam uma inibição ou desvio (FREUD, 2013).

Sobre o objeto, Freud sentenciar,

O objeto de uma pulsão é aquele junto ao qual, a pulsão pode alcançar sua meta. É o que há de mais variável na pulsão, não estando originariamente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação. Não é necessariamente um objeto material estranho ao sujeito, podendo ser até mesmo uma parte do próprio corpo. Pode ser substituído incontáveis vezes no decurso dos destinos vividos pela pulsão, sendo a tal deslocamento da pulsão atribuídos os mais significativos papéis. Pode ocorrer o caso em que um mesmo objeto simultaneamente sirva para a satisfação de diferentes pulsões. Uma ligação especialmente estreita da pulsão com o objeto é salientada como sua fixação. Ela se dá com frequência em períodos muito remotos do desenvolvimento pulsional e põe fim à mobilidade da pulsão ao se opor intensamente à dissolução da ligação ao objeto. (FREUD, 2013, p. 43)

Por fim, a fonte da pulsão – entendida como o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão. Depois dessa subdivisão, Freud chamará a atenção para a diferenciação entre dois grupos das pulsões primordiais - as pulsões do Eu ou de autopreservação, e as pulsões sexuais. Sobre isso, o autor exemplificou:

a) O sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre outra pessoa como objeto. b) Tal objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com o retorno em direção à própria pessoa, também se realiza a transformação da meta ativa da pulsão em uma meta passiva. c) Novamente, outra pessoa é procurada como objeto, a qual, em decorrência da transformação da meta ocorrida, terá que assumir o papel de sujeito. A investigação de um outro par de opostos nos traz resultados um tanto diferentes e mais simples, a saber, das pulsões que têm como meta o olhar e o mostrar-se (voyeur e exibicionista na linguagem das perversões). Também aqui, podem-se postular as mesmas fases do caso anterior: a) O olhar como atividade, dirigido a um objeto alheio;³⁴ b) o abandono do objeto, o retorno da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo, e com isso a reversão para a passividade e a designação da nova meta: ser contemplado; c) a introdução de um novo sujeito, a quem a pessoa se mostra, no intuito de ser observada por ele (FREUD, 2013, p. 47).

Para esses exemplos de pulsões vale a consideração de que sua transformação por uma reversão da atividade em passividade e por um retorno em direção à própria pessoa nunca empinha, de fato, todo o montante de moção pulsional. É o próprio Freud quem alerta: “A direção ativa anterior da pulsão continua existindo, em certa medida, ao lado de sua nova direção passiva, mesmo nos casos em que o processo de sua transformação tenha sido muito intenso” (FREUD, 2013, p. 47).

Há, ainda, a transformação de uma pulsão em seu oposto (material) que é observada, por exemplo em um caso: na conversão do amor em ódio. “Como ambos, com especial frequência, aparecem dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto, sua coexistência oferece a ambivalência de sentimentos” (FREUD, 2013, p.49).

O amar admite não apenas uma, mas três formas de oposição. Além da oposição amar-odiar há também outras: amar-ser amado e o amar e o odiar tomados em conjunto, em oposição ao estado de indiferença ou desinteresse. Dentre essas três oposições, a segunda, amar-ser amado, corresponde à conversão da atividade em passividade e pode igualmente remontar a uma situação fundamental, como a pulsão de olhar. Tal situação seria: amar a si mesmo, o que para nós caracteriza o narcisismo. Conforme o objeto ou o sujeito sejam trocados por outro, manifesta-se a aspiração da meta ativa do amar ou da meta passiva do ser amado, das quais a segunda se aproxima mais do narcisismo. Talvez alcancemos uma compreensão mais adequada dos vários contrários do amar se lembrarmos que nossa vida anímica é regida por três polaridades, as oposições entre: Sujeito (Eu) — Objeto (mundo externo). Prazer — Desprazer. Ativo — Passivo (FREUD, 2013, p. 49).

O Eu, na medida em que é autoerótico, não tem necessidade do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às vivências das pulsões de autopreservação, e não pode deixar de sentir os estímulos pulsionais internos por certo tempo como desprazerosos. Sob o domínio do princípio de prazer ocorre nele um novo desenvolvimento. Ele toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjetados e, por outro lado, expõe o que dentro dele se torna causa de desprazer.

O Eu odeia, abomina e persegue, com intenções destrutivas, todos os objetos que constituem fontes de sensações desprazerosas para ele, não importando se significam uma interdição da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. De fato, pode-se afirmar que os verdadeiros modelos da relação de ódio não advêm da vida sexual, mas da luta do Eu pela sua conservação e sua afirmação. (FREUD, 2013, p.51)

Quando a relação de amor com determinado objeto é interrompida, não raro surgirá o ódio em seu lugar, de modo que se tem a impressão de uma transformação do amor em ódio. Mas, superando essa descrição, há a concepção de que o ódio com motivações reais é fortalecido pela regressão do amor à fase preliminar sádica, de modo que o odiar adquire um caráter erótico, o que garante a continuidade de uma relação amorosa (idem).

Diante desses fatos observados e pautado no seu modelo teórico de que o homem busca pelo prazer e de que nessa busca se pauta em dois grandes impulsos, ou seja, o impulso pela autoproteção – pulsão de autopreservação - e o impulso para a reprodução – pulsão de sexualidade, Freud compreende que há a necessidade de se buscar uma explicação para esses fenômenos clínicos; inicia-se aí o percurso que o levará ao conceito de pulsão de morte.

Ao longo desses estudos Freud foi revendo suas ponderações iniciais sobre a sua Teoria Pulsional e em 1920 sintetiza, na obra *Além do princípio do prazer*, sua proposição da existência dessas duas forças opostas na vida psíquica: uma energia que impele à ação e outra que conduz à inanição. À primeira energia manteve o nome de Pulsões de Vida, pois consistiam no grupamento das pulsões sexuais e de autopreservação; essas pulsões diziam respeito às excitações que induziriam à busca de objetos. Já à segunda energia ficou definida como Pulsão de Morte – por promover a busca da ausência de estimulação no organismo (FREUD, 1920/1996b).

Dentre os motivos que levaram Freud a propor a existência da pulsão de morte, encontram-se os mais diversos registros de fenômenos de repetição nos quais Freud vê, de acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p. 408) “o sinal do demoníaco, de uma forma irreprimível, independente do princípio do prazer e suscetível de se opor a ele”. Além disso, “a importância assumida na experiência psicanalítica pelas noções de ambivalência, agressividade, sadismo e masoquismo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 408).

Das pulsões primordiais surge uma nova configuração, um novo dualismo: pulsões de vida (que englobam as sexuais e de autoconservação) e de morte - a pulsão da destruição própria do sujeito. Numa relação com a mitologia as figuras de vida, na representação de Eros e de morte – Thanatos. Para Freud:

A função primordial do sistema nervoso era eliminar qualquer excesso de excitação que pudesse experimentar. Isso consistia na busca incessante pelo retorno a situação de paz absoluta, sendo morte uma volta ao inanimado. Todavia, devido a existência da pulsão de vida, o organismo buscava a autopreservação para evitar o suicídio. Dessa forma, as pulsões devem ser vistas como complementares e não como forças contrárias [...] O ser humano teria a tendência a destruir outras coisas ou pessoas para evitar a destruição de si mesmo (COLEÇÃO SABERES, 2022, p. 79).

Todos esses conceitos passaram a configurar a teoria freudiana sobre pulsão e, para exemplificá-los, serão analisados fragmentos da obra de Clarice Lispector, *Perto do Coração Selvagem* (1943).

3 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Clarice Lispector (1920-1977), autora de romances, contos e ensaios, marcou o século XX com sua obra repleta de personagens e reflexões - em fluxo de consciência – que podem exemplificar muito bem a teoria freudiana sobre pulsões. Em *Perto do Coração Selvagem*, obra publicada em 1943, Lispector cria uma protagonista - Joana - que é desvelada pela narrativa, por vezes com suas experiências de menina, outras de adulta e, ainda, no limiar, na transformação, quando usufrui do “conceito fronteiroço” elaborado por Freud - situado entre o corpo e o aparelho psíquico.

Joana, no enredo, perdeu a mãe quando ainda era muito pequena e passou parte da infância ao lado do pai, a quem confiou muitas das suas incertezas infantis. Era sonhadora, contemplativa e, inconscientemente, provocava os adultos com suas questões sobre a vida. Quando também perde o pai, vai morar com os tios. Eles fingem condover-se da sua infelicidade. Mas, a relação entre sobrinha e tia é tensa; a presença da menina sufocava aos dois.

Em o capítulo "*O Banho*", Lispector explora uma abordagem introspectiva e fragmentada, com a protagonista que vive num estado de angústia e inquietação. Joana reflete sobre sua existência e busca por um sentido na vida, com evidência para suas emoções, pensamentos e percepções. Seu estado é de angústia e inquietude, buscando uma forma de conexão significativa com o mundo e com ela mesma. Essa busca por satisfação e gratificação pode ser interpretada como

uma expressão da pulsão de vida (Eros) de Freud, que impulsiona os indivíduos a buscar alegria e prazer. Mas, ao mesmo tempo, Joana explicita a pulsão de morte, num dualismo intenso.

O capítulo tem início com a protagonista a acompanhar a tia às compras. Como num teste para si mesma e causar espanto aos outros, Joana rouba um livro, fazendo com que a realidade de sua relação com aquela família viesse à tona – trecho a seguir, evidencia:

- Eu posso.
- Você?! – gritou a tia.
- Roubei porque quis. Só roubarei quando quiser, não faz mal nenhum.
- Deus me ajude, quando faz mal Joana?
- Quando a gente rouba e tem medo. Eu não estou contente nem triste. (LISPECTOR, 1943, p. 60).

Joana, embora desejasse encontrar o porto seguro por onde passava, ancorava-se em suas vontades constantemente reeditadas de equilíbrio, repouso e felicidade e infelicidade; depara-se sempre com as pressões externas a si que a levavam, alternadamente, entre a busca vertiginosa pelo viver e a busca por um não existir.

Quem se recusa o prazer, quem se faz de monge, em qualquer sentido, é porque tem uma capacidade enorme para o prazer, uma capacidade perigosa – daí um temor maior ainda [...]. Estou cada vez mais viva, soube vagamente. Começou a correr. Estava subitamente mais livre, com mais raiva de tudo; sentiu-se triunfante. No entanto não era raiva, mas amor. Amor tão forte que se só esgotava sua paixão na força do ódio. Agora sou uma víbora sozinha. Lembrou-se de que se separara realmente do professor (LISPECTOR, 1943, p. 72/73).

Amar, de acordo com Freud, admite não apenas uma, mas outras formas de oposição. Além da oposição amar–odiar há também outras, conforme já anteriormente explicitado: amar–ser-amado e o amar e o odiar tomados em conjunto, em oposição ao estado de indiferença ou desinteresse.

- Professor.
- Afinal, nessa busca de prazer está resumida a vida animal. A vida humana é mais complexa: resume-se na busca do prazer, no seu temor, e sobretudo na insatisfação dos intervalos. Toda a ânsia é busca de prazer. Todo o remorso, piedade, bondade, é o seu temor (LISPECTOR, 1943, p. 64)

Essa inadaptabilidade aos lugares, a constante vocação para o mal e o desconhecimento de si mesma, faziam parte do processo de descobrir-se, encontrar a razão de ser de sua existência. Nesse processo, surge esse professor casado, que lhe dá ouvidos e a aconselha. Ele torna-se seu amor adolescente, e Joana, sentindo uma espécie de inveja da esposa, sofre as agruras dessa primeira paixão.

No entanto, resgatando-se as proposições de Freud, vale a questão: a vida anímica é regida por três polaridades, conforme salientado nos fundamentos teórico recortados das contribuições de

Freud - as oposições entre: Sujeito (Eu) — Objeto (mundo externo) Prazer — Desprazer. Ativo — Passivo – como se pode ler em Joana:

Coisas que existem, outras que apenas estão... surpreendeu-se com o pensamento novo, inesperado, que viveria de agora em diante, como flores sobre o túmulo. Que viveria, que viveria, outros pensamentos nasceriam e viveriam e ela própria estava mais viva. A alegria cortou-se o coração, feroz, e iluminou-lhe o corpo. Apertou o copo sobre os dedos, bebeu água com os olhos fechados, como se fosse vinho, sangrento e glorioso vinho. A nenhum deles explicaria que tudo mudava lentamente (LISPECTOR, 1943, p. 73).

Com a personagem, pode-se evidenciar também o Eu, na medida em que é autoerótico, e já não tem necessidade do mundo exterior, devido às vivências das pulsões de autopreservação; resgata-se o princípio de prazer, com um novo desenvolvimento - toma para si, em seu Eu, com fontes de prazer, introjetadas e, por outro lado, expelle o que dentro dele se torna causa de desprazer.

As mãos de Joana se mexeram independente de sua vontade, observou-as vagamente curiosa e esqueceu-as logo depois. [...] Quem era ela? A víbora. Sim, sim, para onde fugir? Não se sentia fraca, mas pelo contrário, possuía de um ardor pouco comum, misturado a certa alegria, sombria e violenta. Estou sofrendo, pensou de repente e surpreendeu-se. Estou sofrendo dizia-lhe uma consciência a parte. E, subitamente, esse outro ser agigantou-se e tomou o lugar de que sofria. [...] e como para deter-se, cheia de fogo, esbofeteou o próprio rosto (LISPECTOR, 1943, p. 62).

O Eu odeia, de acordo com Freud, abomina e persegue, com intenções destrutivas, todos os objetos que constituem fontes de sensações desprazerosas para ele, não importando se significam uma interdição da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. Joana, em vários trechos, prima pela autoconservação,

Às vezes, a minha descoberta, segue-se o amor por mim mesma, um olhar constante ao espelho, um sorriso de compreensão para os que me fitam. Período de interrogação ao meu corpo, de gula, de sono, de amplos passeios ao ar livre. Até que numa frase, um olhar – como o espelho – relembram-se surpresa, outros segredos, os que me tornam ilimitada. Fascinada mergulho o corpo no fundo do posso, calo todas as suas fontes e sonambula sigo por outro caminho (LISPECTOR, 1943, p. 80).

Para Freud, a pulsão de morte apresenta uma tendência que levaria à destruição das unidades vitais do organismo. O objetivo dessa pulsão seria a descarga, a falta do novo, a falta da vida, isto é, a morte, o estado de repouso absoluto. O organismo não teria em sua base constitucional o desejo pela mudança, pois estaria fadado a buscar sempre estados anteriores. A tendência à mudança e ao progresso seria, portanto, uma ilusão. A verdade é que o organismo estaria apenas buscando objetivos antigos por caminhos novos.

Devido a pressões externas o organismo precisaria fazer um desvio de função conservadora para continuar conservando seus estados antigos, sendo nesse desvio que se encontra o desenvolvimento.

Fascinada mergulho o corpo no fundo do poço, calo todas as suas fontes e sonâmbula sigo por outro caminho. – Analisar instante por instante, perceber o núcleo de cada coisa feita de tempo ou de espaço. Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis mas fortes. É a vida? Mesmo assim ela me escaparia. Outro modo de captá-la seria viver. Mas o sonho é mais completo que a realidade, esta me afoga na inconsciência. O que me importa afinal: viver ou saber que estou vivendo? – Palavras muito puras, gotas de cristal. Sinto a forma brilhante e úmida debatendo-se dentro de mim. Mas onde está o que quero dizer? Inspirai-me, eu tenho quase tudo; eu tenho o contorno à espera da essência; é isso? O que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si? Utilizar-se como corpo e alma em proveito do corpo e da alma? Ou transformar sua força em força alheia? Ou esperar que de si mesma nasça, como uma consequência, a solução? Nada posso dizer ainda dentro da forma. Tudo o que possuo está muito fundo dentro de mim. Um dia, depois de falar enfim, ainda terei do que viver? Ou tudo o que eu falasse estaria aquém e além da vida? Tudo o que é forma de vida procuro afastar. Tento isolar-me para encontrar a vida em si mesma. No entanto apoiei-me demais no jogo que distrai e consola e quando dele me afasto, encontro-me bruscamente sem amparo. (LISPECTOR, 1944/1988, p.39)

No fragmento a seguir, pode-se observar um desejo por um espaço interior de silêncio, de distanciamento, de não existência, de criação.

No meu interior encontro o silêncio procurado. Mas nele fico tão perdida de qualquer lembrança de algum ser humano e de mim mesma, que transformo essa impressão em certeza de solidão física. Se desse um grito – imagino já sem lucidez – minha voz receberia o eco igual e indiferente das paredes da terra. Sem viver coisas eu não encontrarei vida, pois? Mas, mesmo assim, na solidão branca e ilimitada onde caio, ainda estou presa entre montanhas fechadas. Presa, presa. Onde está a imaginação? Ando sobre trilhos invisíveis. Prisão, liberdade. São essas as palavras que me ocorrem. No entanto não são verdadeiras, únicas e insubstituíveis, sinto-o. Liberdade é pouco, O que desejo ainda não tem nome, (LISPECTOR, 1988, p. 40)

Joana como tantas outras personagens de Clarice, está sempre à procura de algo que lhe sacie a sede ininterrupta e interminável, que lhe aplaque uma fome sem fim. Procura o sentido de sua existência, move-se de um desejo a outro, sem jamais encontrar saciedade. Ela é pura inquietação, é a imagem do devir. Desliza continuamente sobre os objetos de seus desejos.

Há em Joana um ímpeto pela vida e, contraditoriamente, pela busca de uma existência que leva ao encaminhamento para a morte.

Eu estava sentada na Catedral, numa espera distraída e vaga. Respirava oprimida o perfume roxo e frio das imagens. E, subitamente, antes que pudesse compreender o que se passava, como um cataclisma, o órgão invisível desabrochou em sons cheios, trêmulos e puros. Sem melodia, quase sem música, quase sem vibração. As paredes compridas e as altas abóbodas da igreja recebiam as notas devolviam-nas sonoras, nuas e intensas. Elas transpassavam-me, entrecruzavam-se dentro de mim, enchiam meus nervos de estremecimentos, meu cérebro de sons. Eu não pensava pensamentos, porém música. Insensivelmente, sob o peso do cântico, escorreguei do banco, ajoelhei-me sem rezar, aniquilada. O órgão emudeceu com a mesma subitaneidade com que iniciara, como uma inspiração. Continuei respirando baixinho, o corpo vibrando ainda aos últimos sons que restavam no ar num zumbido quente e translúcido (LISPECTOR, 1988, p. 40).

Nas últimas reflexões do capítulo, Joana evidencia o quanto era perfeito aquele momento. “Quero morrer agora, gritava alguma coisa dentro de mim [...]. Qualquer instante que sucedesse àquele seria mais baixo e vazio. Queria subir e só a morte como um fim me daria o auge sem a queda” (LISPECTOR, 1944/1988, p.41).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que nortearam as proposições de Freud sobre pulsões versavam sobre quais seriam os processos de eleição pelos sujeitos de seus objetos de desejo; ainda, como o amor poderia se transformar em ódio, e como um desejo por um determinado objeto poderia deslocar-se em direção a outro objeto ou voltar-se contra a própria pessoa. O psicanalista questionou sobre quais mecanismos presidiam as escolhas do sujeito e definiu o conceito fronteiro, de que a pulsão situar-se-ia entre o corpo e o aparelho psíquico, no interior do próprio organismo, sem a possibilidade de fuga – esta propensa no instinto.

As ponderações iniciais sobre sua teoria das pulsões foram complementadas com evidência para duas forças opostas na vida psíquica, um dualismo que assim se configura: uma energia que impele à ação e outra que conduz à inanição. A primeira energia - Pulsões de Vida, com grupamento das pulsões sexuais e de autopreservação; A segunda, Pulsão de Morte – com a busca da ausência de estimulação no organismo.

Joana, personagem de Clarice Lispector, em *Perto do Coração Selvagem* evidencia o dualismo das Pulsões de vida – Eros - e de morte – Thanatos. Lispector descreve o estado interior da personagem de maneira intensa e vívida, explorando suas contradições e conflitos internos: “Liberdade é pouco, o que desejo ainda não tem nome”, assevera Joana. Essa abordagem enigmática e introspectiva pode-se considerar como características marcantes da obra da autora, que – sem dúvida – podem se configurar como ressonâncias da teoria freudiana.

REFERÊNCIAS

COLEÇÃO SABERES. **100 minutos para entender Freud**. 2.ed. Bauru. SP. Astral Cultural: 2022.

COSTA, Dimas; ESPINOSA R. Antônio. *Literatura Comentada: Clarice Lispector*. Nova Cultural: São Paulo, 1 Ed., 1981

FREUD, Sigmund. **Os três ensaios da teoria da sexualidade**. (1905) Garcia-Roza, L. A. Freud e o inconsciente (24a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FREUD, Sigmund. **Pulsões e destinos das pulsões**. Escritos sobre a psicologia do 176 inconsciente. Rio de Janeiro: Imago. 2009.

FREUD, Sigmund. **O inconsciente**. Em Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Vol. II, pp. 13-74). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. Ensaio de Metapsicologia e outros ensaios (1914 - 1916). São Paulo: Editora Schwarcz, 2010.

IANNINI; TAVARES. Apresentação da obra. In: FREUD, Sigmund. **Pulsões e destinos das pulsões**. Escritos sobre a psicologia do 176 inconsciente. Rio de Janeiro: Imago. 2009.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem. O Banho** (1943)